

## EU LIXEIRO

A luz de contra, lâmpada de teto que ilumina o quarto que se vê de uma janela aberta numa noite escura e vaga

o asfalto acinzentado tem tons coloridos opacos dos sacos abertos plásticos esparramados feito fluídos de um bêbado

vejo do alto, empoderado, o homem lixo bagunça(n)do os sacos pretos na calçada/asfalto lisos

o homem lixo preto vem dançando com seus dedos sujos sacos com seus fluídos nada opacos e seu cheiro um alarde

procurando entre meus restos o dejetos menos abjetos, os pedaços de alimentos, os excertos, excrementos putrefatos menos

chafurdando eu tento no meu leito, sem proveito, chafurdando em minha cama relembrando os dedos sujos no meu parapeito

este é meu lixo homem preto, eu fiz e faço e não aceito que se abra na calçada os sacos plásticos que lacrados são aceitos

quero novamente meus segredos inclementes ensacados escondidos que meu lixo é sagrado e me mata que um homem seja um porco

que se eu e ainda os outros que não eu não somos porcos quem lhe deu o tal direito de aqui em meu parapeito ser do lixo preto um não hipócrita?

se tem fome ou tem insônia ou insanidade na madrugada da cidade os dedos sujos que ostentas só reclamam e desenganam meu sono profundo

porque me mostras que o não preto – o homem saco – fez o seu acordo tácito e como outros tão opacos mais que os fracos tem em seu frasco o cheiro lodo drástico, o práctico odor do homem tolo que do alto do seu sono embebido vai dormir tão putrefato que embaixo do seu sono frágil o homem lodo é mais heroico e grato, sai do lixo mais soberbo e o homem não preto é o mais imundo